

"Deslumbrante"
Les Inrocks



Philippe
Katerine

Sophie
Letourneur

Bérénice
Vernet

Esteban
Melero



★★★★★
Cahiers du Cinéma

★★★★★
Les Inrocks

★★★★★
Libération

★★★★★
Le Monde

L'AVEN TURA

um filme de **Sophie Letourneur**

UMA PRODUÇÃO DE TOURNE FILMS E ATELIER DE PRODUCTION EM CO-PRODUÇÃO COM SACRÉ VENDREDI PRODUCTIONS EM PARCERIA COM TV5MONDE, CINÉMADE, RÉGION SUD, MÉTROPOLE TOULON PROVENCE MÉDITERRANÉE
COM PHILIPPE KATERINE, SOPHIE LETOURNEUR, BÉRÉNICE VERNET, ESTEBAN MELERO REALIZAÇÃO SOPHIE LETOURNEUR ARGUMENTO SOPHIE LETOURNEUR, LAETTIA GOFFI FOTOGRAFIA JONATHAN PICQUEBOURG VESTUÁRIO SOPHIE LETOURNEUR
SON Charlotte Comte, Carole Veyrier, Laurie Arto PRODUÇÃO SOPHIE LETOURNEUR, TRISTAN VASLOT, THOMAS & MATTHIEU VERHAEGHE CO-PRODUÇÃO HADRIEN LÉDUC SPAAK ATENÇÃO INTERNACIONAL BEST FRIEND FOREVER DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL: LEOPARDO FILMS

L'AVENTURA

Um filme de Sophie Letourneur

2025 | França | 1h47 | M/12

Estreia: 2 de Julho de 2026

Festival de Cannes 2025 – ACID

Cahiers du Cinéma – Top 10 Melhores Filmes de 2025

Férias de Verão. Sardenha, Itália. Uma viagem de família. Claudine, com 10 anos, decide contar as histórias das suas aventuras ao seu irmão Raoul, de 3 anos. Isto é, quando ele deixa... O cinema de Sophie Letourneur, entre a ficção e a realidade, e com um apurado sentido de mise-en-scène, revela-se em todo o seu esplendor neste filme divertido, terno, e por vezes melancólico, que capta a essência das férias estivais.

Elenco: Philippe Katerine, Sophie Letourneur, Bérénice Vernet, Esteban Melero

Argumento: Sophie Letourneur, Laetitia Goffi

Direcção de Fotografia: Jonathan Ricquebourg

Montagem: Sophie Letourneur

Música: Laure Arto, Carole Verner

Produção: Mathieu Verhaeghe, Sophie Letourneur, Thomas Verhaeghe, Tristan Vaslot

Distribuição: Leopardo Filmes

CRÍTICA INTERNACIONAL

“Longe de parecer estéril, a reflexividade do filme revela com maior clareza a profundidade da abordagem de Letourneur, a sua audácia inabalável.”

Olivia Cooper-Hadjian, *Cahiers du Cinéma* ★★★★★

“Ao parecer criar confusão, *L'Aventura* toca nas verdades mais profundas da aventura humana.”

Ludovic Béot, *Les Inrockuptibles* ★★★★★

“Uma constelação hipnótica onde nos perdemos a reconhecer tudo, onde já não é possível distinguir o medíocre do grandioso, como se a crónica, nos seus meandros arenosos, nos conduzisse subitamente a uma qualquer revelação cósmica.”

Didier Péron, *Libération* ★★★★★

“Uma comédia terna e melancólica.”

Sophie Joubert, *L'Humanité* ★★★★★

“Tanto amor transparece neste *L'Aventura*, de uma realizadora pelos seus actores, pela sua própria filha, pela equipa que a enquadra e rodeia, tanto desenrascanço, mas sobretudo cinema em todos os planos, fruto da notável encenação de Sophie Letourneur, que tanto gosta de nos falar do passado para nunca se esquecer de gozar o presente.”

Pierig Leray, *Culturopoing* ★★★★★

“Entre férias banais, jogos cinematográficos e reflexões sobre a memória, este *L’Aventura* demora-se e acaba por se revelar cheio de encanto.”

Catherine Balle, *Le Parisien* ★★★★★

“Entre o conceptual e o concreto, entre o fútil e o essencial, entre Antonioni e a *story* de Instagram, entre tudo e nada, o novo filme de Letourneur consegue encontrar um equilíbrio muito sedutor.”

Nicolas Marcadé, *Les Fiches du Cinema* ★★★★★

“Letourneur filma com uma energia que envolve constantemente o espectador.”

Julien Rousset, *Sud Ouest* ★★★★★

“Uma comédia sofisticadamente construída, assinada por uma cineasta de aparência enganosamente casual.”

Jérémie Couston, *Télérama* ★★★★★

À Conversa com Sophie Letourneur

***L'Aventura* prolonga *Voyages en Italie* (2023), que foi a primeira parte de uma trilogia sobre um casal. Esta trilogia foi concebida como tal ou a ideia surgiu-lhe a meio?**

As gravações que serviram de base à escrita das duas primeiras partes foram feitas na mesma altura, em 2016, durante duas viagens separadas por apenas alguns meses. Comecei a trabalhar nelas, mas, na altura, não sabia bem que forma iria tomar: uma série, um filme, vários filmes... Depois pus tudo de lado para escrever *Énorme* (2019). Só em 2019 voltei a pegar nisto e comecei a vê-lo como uma trilogia: a terceira parte está actualmente em escrita.

Em *Voyages en Italie*, o dispositivo de gravação e reprodução só aparecia no terço final do filme. Mas em *L'Aventura* somos atirados para ele logo no primeiro plano. Porque decidiu introduzir esta dimensão *meta* desde o início?

Este filme é, de certa forma, a soma de tudo o que fiz até agora, é aquele em que levo todos os meus dispositivos mais longe, incluindo este jogo *meta* com *flashbacks* e linhas temporais deslocadas, algo que já tinha explorado em *Les Coquillettes* (2012), *Le Marin masqué* (2011), *Voyages en Italie*... Acho que é o meu filme mais completo, o mais directo nessa linha de trabalho. Por isso, esse início tão frontal, em que o gravador entra no enquadramento logo no primeiro plano, pareceu-me completamente coerente.

Ao contrário de *Voyages en Italie*, em que a recordação surgia como um momento de calma, depois da viagem. Aqui, recordar e gravar é algo que se faz *in situ*, e é caótico.

Em *Voyages en Italie*, é um momento calmo porque é de noite e Raoul está a dormir: por isso, podemos gravar-nos a nós próprios, e não o contrário. Aqui é a mesma coisa: estamos constantemente a tentar encontrar momentos de sossego para nos gravarmos, o que não é coisa pouca com uma criança de três anos em férias. Gravar não altera as situações nem as dinâmicas entre as personagens.

Porquê este dispositivo de gravação?

Adoro gravar porque acho tão belo aquilo que acontece na vida. Trata-se de captar uma marca dessa beleza, tentar recompô-la, transmiti-la, exprimi-la. Tinha estas gravações sonoras de 2016, e queria construir a partir delas uma espécie de caleidoscópio de momentos, de fragmentos, ligados não por uma narração tradicional, mas por qualquer coisa mais subterrânea. Desde os meus primeiros filmes na Arts Déco, sempre trabalhei assim: recompondo, reorganizando gravações. E continuei a fazê-lo, mais ou menos, em todos os meus filmes. Sinto que, quando consigo captar um ritmo real, chego a algo verdadeiramente precioso.

No fundo, faz filmes como quem compõe música, não é?

Sim. Primeiro, monto gravações sonoras (retiradas de arquivos ou de ensaios) e construo o diálogo, o ritmo e a estrutura das sequências a partir do áudio. Depois transcrevo e isso torna-se um guião, uma espécie de partitura, na verdade, que vou afinando num vaivém entre a página e o “instrumento”. Na rodagem, os actores têm de seguir essa partitura até à vírgula. E isso tornou-se muito mais

fácil desde que comecei a usar um sistema de auriculares. Em *L'Aventura*, Philippe Katerine, Bérénice Vernet e eu usámos todos auriculares que reproduziam a faixa de diálogos do filme durante a rodagem.

E se não funciona, fica desiludida?

Sim. Mas, com os auriculares, na verdade, é impossível que não funcione, porque, se nos dessincronizamos, perdemos a fala seguinte. E isso não segue o ritmo clássico da ficção. Na vida real, às vezes alguém demora três segundos a responder, sem razão aparente. Não se trata de sentido imediato, vai mais fundo do que isso.

Poderia falar da imagem do filme?

Queria planos fixos, com enquadramentos cerrados, para estabelecer uma gramática visual que me permitisse fazer batota com a montagem em campo/contracampo, como fiz em *Énorme*, de modo a construir um sistema que funcionasse para filmar uma criança de três anos. Também enquadrei muitas vezes as personagens sozinhas, porque cada uma tenta encontrar o seu lugar no seio desta família, enquanto pai, enquanto criança, enquanto parte de um casal.

Como evoluíram as personagens de Jean-Fi e Sophie desde *Voyages en Italie*?

Não sei se evoluíram, tem mais a ver com o facto que o tom é diferente e que elas não são filmadas da mesma maneira. Em *Voyages en Italie*, o burlesco tomava conta, ao passo que, em *L'Aventura*, as personagens são mais profundas, mais complexas. São filmadas às

voltas com as suas neuroses. Talvez haja também uma espécie de retrato de todos os papéis que se podem desempenhar no seio de uma família: como irmão, como pai ou mãe, e também o lugar que cada um dá a si próprio. Estão todos numa espécie de transição. Claudine está a deixar a infância, mas será já verdadeiramente adolescente? Raoul está a tornar-se um rapazinho, começa a formar frases e a ganhar independência. É o fim das fraldas, e em breve começará a escola, o que permitirá a Sophie ter menos carga mental, recuperar o seu corpo e o seu espaço, ambos completamente ocupados ao longo do filme. O casal também começará a vir à superfície para respirar e enfrentar a questão de se separar ou não. As férias de Verão também são isso: uma transição para o ano que vem. Quanto a Jean-Fi, continua a tentar, para sobreviver, arranjar momentos em que possa voltar a ser apenas “um tipo sozinho”, escapando-se ao núcleo familiar, indo fumar um cigarro, estacionar o carro.

O filme também fala disso: do facto de não sermos a mesma pessoa antes e depois de ter filhos, do que mudou e da impossibilidade de voltar atrás.

E representar nos seus próprios filmes é algo que faz por prazer ou por necessidade?

Por prazer. E também por razões práticas, diria eu. Faço muita coisa sozinha, e por vezes é simplesmente mais fácil estar diante da câmara do que explicar exactamente o que quero, sobretudo com este método, em que tudo depende de ínfimos detalhes e de ritmos muito precisos.

Faz muitas repetições?

Normalmente não faço muitas repetições e trabalho com meios muito leves. Prefiro trabalhar com equipas reduzidas. Na rodagem, usámos duas câmaras para podermos avançar mais depressa.

Raoul é um tornado, uma espécie de corpo burlesco por si só. Traz um toque de comédia ao filme, que, de outro modo, pende mais para a melancolia.

Sim, era essa a ideia. Esse ruído constante que uma criança de três anos faz, como um animalzinho que ainda não aprendeu a controlar-se nem a participar numa conversa de forma estruturada. E eu queria captar, entre outras coisas, esse ruído de fundo, e todas as outras coisas sobre as crianças que me comovem profundamente, mas que eu não saberia exprimir através de nenhum outro meio que não o cinema.

Ele traz também uma dimensão escatológica: muitas cenas giram à volta do seu cocó.

Sim. Mas, com as crianças, estamos constantemente, várias vezes ao dia, a lidar com as suas necessidades corporais. Connosco também, aliás. E, na verdade, calhou as minhas gravações incluírem muita conversa sobre isso! Não desprezo a matéria, seja qual for a forma que assumo... Talvez porque trabalho com as mãos: fiz arte têxtil, artes plásticas, vídeo experimental. Tenho uma abordagem muito prática, orgânica, à realização.

O seu filme pode parecer desestruturado, mas, na verdade, é extremamente trabalhado e incrivelmente preciso. Em particular, o desenho de som é essencial. Como abordou o som neste filme, em comparação com os anteriores?

O som não está lá para ser perfeitamente limpo ou fácil de compreender. Está lá como uma matéria viva. Por exemplo, com Raoul, trabalhei aquilo a que chamo um “tecido sonoro”: ele está sempre presente, a murmurar, a fazer ruídos, a falar sozinho. E, quando adormece, há subitamente este vazio. Na mistura, por vezes deixo deliberadamente desfasamentos ou pequenas falhas. Dão textura ao som, profundidade, qualquer coisa que não é lisa nem polida.

E a música? Porque recuperou o *Prelúdio* de Bach?

Enquanto trabalhava na música do filme, à procura de um refrão simples e repetitivo, calhou o meu filho estar a aprender o *Prelúdio* de Bach ao piano. Gravei-o, e aquilo que eu procurava há meses estava de repente ali, mesmo debaixo do meu nariz. Embora ele tenha melhorado desde então, mantive essa versão, tão delicada, tão verdadeira. E, como Philippe Katerine assinalou, ele também usou o *Prelúdio* no seu último álbum: Bach, em inglês, soa a “back”: voltar atrás, regressar ao passado.

O título, *L'Aventura*, menos um “v”, é claramente uma referência a Antonioni. Quando apresentou o seu filme em Cannes, em 1960, ganhou um prémio, mas também foi arrasado por parte da imprensa, que dizia: “Não acontece nada, isto não é cinema.”

Sim, claro. E, na cena final do filme, quando Jean-Fi me diz que não devíamos fazer este filme porque “não acontece nada”, respondo: “Acontece tudo!” O que também adoro é esta questão da ficção: o que é considerado nobre, o que é julgado digno de ser contado? *L'Aventura* devia ser um filme de aventuras em que improvisam as suas férias, mas talvez a maior aventura seja simplesmente viver, até

os momentos mais banais, mais partilhados. E é disso que o filme fala, subtilmente: da vida, mas também da morte, que paira através da reconstrução das memórias e das angústias de Claudine.

É esse o papel das imagens em Super 8 que encerram o filme?

O filme também fala disso: do ciclo da vida, da continuidade entre a avó, Sophie, Claudine... É cíclico. Estas imagens em Super 8 são as que o meu pai filmou. É um filme sobre a passagem do tempo. Gostaríamos de poder voltar atrás no tempo, mas é impossível. E todos os meus filmes falam disso, de uma forma ou de outra. Em *Voyage en Italie*, havia o embalsamamento do corpo; em *Les Coquillettes*, a massa atirada para o caixote do lixo. É daí que tudo vem: de uma revolta contra a passagem do tempo, contra a morte. É isso que me move.

Biografia da realizadora

Depois de várias curtas-metragens aclamadas em festivais, Sophie Letourneur realizou a sua primeira longa-metragem, *La Vie au ranch*, em 2010, apresentada na ACID, no Festival de Cannes. Em 2011, apresentou *Le Marin masqué* no Festival de Locarno e aproveitou a ocasião para ali rodar *Les Coquillettes*, que também foi exibido nesse festival em 2012. Depois de contar com Lolita Chamah e Benjamin Biolay em *Gaby Baby Doll*, venceu o Prémio Jean Vigo em 2020 por *Énorme*, protagonizado por Marina Foïs e Jonathan Cohen. Começou depois a trabalhar numa “trilogia italiana” sobre casais, com *Voyages en Italie*, estreado em 2023, de que *L’Aventura* é a segunda parte, novamente com Philippe Katerine e ela própria nos papéis principais.









CONTACTOS

Distribuição Leopardo Filmes

Manuela Mina

manuelam@leopardofilmes.com

+ 351 213 255 822

Imprensa Leopardo Filmes

Nuno Gaio Silva

Gonçalo Mata

press@leopardofilmes.com

+ 351 213 255 810

www.leopardofilmes.com

Leopardo Filmes

Travessa das Pedras Negras, 1 – 5º andar

1100-404 Lisboa Portugal